

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO PARQUE ARARIGBÓIA:
Uma história de protagonismo, no âmbito do lazer, em Porto Alegre**

Isabel de Farias Flor

Porto Alegre
Janeiro, 2013.

Isabel de Farias Flor

**Associação Comunitária Do Parque Ararigbóia:
Uma história de protagonismo, no âmbito do lazer -na cidade de Porto Alegre**

Monografia apresentada a Faculdade de Educação Física como requisito parcial para conclusão do curso de Educação Física-Licenciatura, apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Doutor Marco Paulo Stigger, em janeiro de 2013.

Porto Alegre

Janeiro, 2013.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA/LICENCIATURA

Isabel de Farias Flor

Associação Comunitária Do Parque Ararigbóia:

Uma história de protagonismo, no âmbito do lazer -na cidade de Porto Alegre

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Licenciatura
em Educação Física.

Banca Examinadora:

Marco Paulo Stigger

Nome do Professor(a) de Monografia

Nome do Professor(a) Convidado(a)

DEDICATÓRIA

Dedicatória: dedico ao meu filho Rafael, que mesmo tão pequeno me deu forças para superar e seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos: aos mestres e doutores, que com seu conhecimento auxiliaram-me nesta trajetória, em especial ao professor Doutor Marco Paulo Stigger.

Aos membros do Parque Ararigbóia, que sempre estiveram dispostos a colaborar com o trabalho, e acolheram-me calorosamente. Em especial a todos os colaboradores da pesquisa, cada um, à sua forma, foi essencial ao trabalho.

Ao meu irmão Paulo Roberto que indiscutivelmente sempre esteve ao meu lado neste percurso, apoiando-me, aconselhando-me e servindo como mão amiga em todos os momentos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	PROBLEMATIZAÇÃO	11
3	ANÁLISE HISTÓRICA	17
3.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
4	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO PARQUE ARARIGBÓIA	23
4.1	UMA HISTÓRIA DE PROTAGONISMO, NO ÂMBITO DO LAZER, NA CIDADE DE PORTO ALEGRE.....	23
4.2	ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA ARARIGBÓIA: UM TIME DE MUITAS HISTÓRIAS.....	33
4.3	A ASSOCIAÇÃO E O PROTAGONISMO	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6	APÊNDICES	52
7	ANEXOS.....	53
8	REFERÊNCIAS	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: imagem da planta do bairro, loteando os terrenos da Chácara Visconde de São Leopoldo, devido ao tamanho mostrando somente 1/6 da planta.....	25
Figura 2: foto do time Sulbrasil, a direita em pé Arino Bernardino da Silva.....	26
Figura 3: acima o time dos Veteranos do Parque Ararigbóia.	35
Figura 4: foto registrada no antigo campo localizado na Avenida Ypiranga.	36
Figura 5: na imagem acima da esquerda para a direita: o prefeito de Porto Alegre Olívio Dutra discursando na inauguração do ginásio, o presidente da Associação Comunitária Ararigbóia Hervê Tacilotto e Raul Ponte	43

RESUMO

Os espaços de lazer se constituem, enquanto parte da sociedade, o espaço/tempo do não trabalho, onde se pode fazer o que se gosta, algo espontâneo, sem obrigações. Esse espaço de lazer público pode surgir da demanda da sociedade cosmopolita, ou através de leis que obriguem a união ou o município a abrirem mão de um terreno ou parte dele, para que ali se instale um espaço de lazer. Não basta somente saber quem frequenta os espaços de lazer, mas como esses espaços se constituem, enquanto importantes para uma determinada sociedade, visando a sua construção histórica e principalmente quem foram as pessoas que deram vida e voz a esses lugares. O Parque Ararigbóia localiza-se no bairro Jardim Botânico, na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. Tal parque tem uma metragem de aproximadamente 18 mil metros quadrados, possui quadra poliesportiva, sala de musculação, campo de futebol, vestiário, cancha de bocha e equipamentos para recreação infantil. Para conseguir todo este aparato, foi fundado em 1982 a Associação Comunitária do Parque Ararigbóia, que buscou junto à prefeitura através do Orçamento Participativo verbas para a construção da infraestrutura do Parque. O objetivo geral do trabalho foi fazer uma análise histórica, delineando desde o surgimento do Parque até os dias de hoje, dando ênfase em quem foram os protagonistas pelo surgimento e florescimento deste lugar. Ao longo do trabalho contatou-se que o Parque Ararigbóia e a sua Associação, vem servindo de exemplo para outros parques e praças, contabilizando os incontáveis feitos que surgiram através do protagonismo dos colaboradores que estiveram envolvidos diretamente com a Associação Comunitária e com o Parque.

1 INTRODUÇÃO

Os espaços de lazer se constituem, enquanto parte da sociedade, o espaço e/ou tempo do não trabalho, onde se pode fazer o que se gosta, algo espontâneo, sem obrigações trabalhistas. O espaço de lazer público pode surgir da demanda da sociedade cosmopolita ou através de leis que obriguem a união ou o município a abrirem mão de um espaço para que ali se instale um espaço de lazer. O Parque Ararigóia localiza-se no bairro Jardim Botânico, na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. Tal parque tem uma metragem quadrada de aproximadamente 18 mil metros quadrados (um quarteirão), possui quadra poliesportiva, sala de musculação, campo de futebol, vestiário, cancha de bocha e equipamentos para recreação infantil. O público que frequenta, em geral, pertence a uma mesma classe social, oriundos de uma mesma comunidade, ainda que alguns membros residam atualmente em bairros mais distantes e outros se inseriram na comunidade posteriormente a criação do Parque.

Tendo em vista estes aspectos deste espaço de lazer, pode-se pressupor que o público que faz uso desse lugar é similar, sem levar em conta outras variáveis. Entretanto, não basta somente saber quem frequenta os espaços de lazer, mas como esses espaços se constituem, enquanto importantes para uma determinada sociedade, visando a sua construção histórica e principalmente quem são as pessoas que deram vida e voz a esses lugares.

O presente estudo visa também auxiliar no planejamento de políticas públicas, buscando contribuir de forma efetiva com o processo de formulação para políticas setoriais a essas áreas do conhecimento, mostrando as características deste espaço, sejam essas físicas ou culturais, bem como anseios e as necessidades da população/comunidade que o frequenta, enfatizando como se deu a sua construção histórica e quem foram os responsáveis.

O objetivo geral do trabalho é investigar o Parque Ararigóia, elaborando um estudo investigativo deste espaço, tentando compreender como se deu o seu surgimento, a sua história recente, o público que o frequenta, e quem foram os protagonistas vinculados ao florescimento deste lugar.

Os objetivos específicos deste trabalho são analisar criticamente os espaços do Parque e tentar entender por que a população faz uso dos mesmos, quem participou ou participa das decisões, com que intuito, mapear a estrutura física, delinear como se deu o surgimento, e ainda tentar encontrar uma relação que leva as pessoas a assumir a responsabilidade de um lugar que é público.

O levantamento de dados foi feito por meio de observações sistemáticas (MARSIGLIA, 2006, p 10) e entrevistas, no período de junho de 2011 a novembro de 2012. As entrevistas foram semiestruturadas (DUARTE, 2002, p 147), com perguntas semiabertas, e escuta de relatos.

As observações foram realizadas pessoalmente em finais de semana e dias da semana, havendo alternância das semanas observadas, contemplando grande parte das atividades do Parque.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

*“Um bairro cola-se à memória como a lapa à rocha
Só não se lembra do passado quem está falecido
Ou tem qualquer doença antiga agora descoberta
Um bairro tem forma de amigo com a porta aberta”*

(O meu bairro- Fernando Torto)

Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul/BR, é uma cidade com cerca de 1 milhão e 410 mil habitantes, conforme o Censo 2010. Esta cidade atrai os olhares do mundo pela forma que distribui seus recursos públicos, tal forma se originou na década de 80, onde, no período da ditadura militar muitos movimentos sociais estiveram em ascensão, como a organização de associações de moradores nos bairros da cidade. No mesmo ano em que o Brasil aprovava sua primeira constituição posterior à ditadura militar, em 1988, o PT obteve, em aliança com outros partidos de esquerda, sua primeira grande vitória eleitoral em Porto Alegre. O prefeito eleito era Olívio Dutra, nele cultuava-se uma esperança que viesse a apostar na democracia participativa, já que o prefeito anterior não havia feito isso.

Encontrou-se então, na época, um governo disposto a implementar essa democracia, na qual havia muitos líderes engajados na história de organização e resistência popular da cidade. Havia, portanto, condições ideais para a implementação do Orçamento Participativo, pois a cidade contava com uma forte mobilização social e um governo recém eleito, que priorizava a ampliação da democracia participativa. Mas essa democracia não emerge sem uma base. Segundo Amaral (2001), Porto Alegre tem uma tradição em políticas públicas desde 1900, onde surgem os primeiros indícios deste tipo de política:

A preocupação direta e explicitada com políticas públicas que atendessem ao espaço do não trabalho aparece pela primeira vez durante esta década. Este interesse formal mostrou-se concretizado na extinção de um espaço público destinado a incorporar um projeto pioneiro na América Latina – “os jardins de praça” (AMARAL, 2001, p 116).

Já Stigger (1996), relata que o Partido dos Trabalhadores buscou incentivar a participação popular através políticas implantadas nas gestões, nas quais o partido governou Porto Alegre, que tinham o objetivo de tornar o cidadão mais atuante no meio político, buscando minimizar as práticas assistencialistas que existiam entre cidadãos e o Estado.

Através do Orçamento Participativo, desenvolvido durante os últimos 16 anos, a cidade de Porto Alegre é considerada internacionalmente um exemplo de oposição ao modelo neoliberal. Uma parcela significativa do seu orçamento é subordinada a um intenso processo de discussão e deliberação, no qual a população participa e decide sobre os projetos de investimento público da cidade. Se em 1988, em razão de diversos fatores, apenas 2% do orçamento estavam disponíveis para investimentos, em 2003 estes passaram a somar 20% dos recursos, cuja destinação foi decidida diretamente pela população, e a sua participação vem crescendo progressivamente, constituindo um processo de construção da consciência política, -dados obtidos do Gabinete de Programação Orçamentária de Porto Alegre em outubro de 2012.

Esse tipo de política se materializa em todas as áreas, como na saúde educação, cultura e no lazer, inclusive. As políticas que ocorrem nos parques e praças de Porto Alegre são oriundas deste tipo de política, bem como todas as políticas que norteiam a cidade. Stigger (1996, p 120) explica que esse tipo de política é uma democracia de massas, que surge “como uma possibilidade de encontrar a vontade de todos via participação nas decisões”.

Caminhando pelos bairros Jardim Botânico e Petrópolis (bairros vizinhos), observei que é possível localizar o Parque Ararigbóia facilmente, ao perguntar aleatoriamente para algumas pessoas que andavam na rua constatei que, sempre que perguntei de um parque ou praça, o Parque Ararigbóia era o local de referência, pois esses bairros têm outras praças e parques, entretanto a primeira referência foi sempre a mesma, o Parque Ararigbóia. Intuitivamente percebi que ao falar do Parque, a população o tinha como motivo de orgulho, referindo-se ao Parque Ararigbóia como *o parque*, e aos outros espaços como “é até tem outros no bairro” - conversa informal, outubro de 2011.

O Parque Ararigbóia por sua vez apresenta uma administração e um cuidado exemplar, esse fator faz com que ele seja um Parque muito reconhecido e respeitado no município de Porto Alegre. Neste Parque existe uma associação, a Associação Comunitária do Parque Ararigbóia, que segundo as pessoas com que conversei, tem feito muito, ou bastante pelo Parque. Tal fato fica explícito ao nos depararmos com matérias do jornal “A Voz do Amador” que circula mensalmente, com tiragem de aproximadamente 10.000 exemplares, onde na edição de Janeiro/2012 o Parque Ararigbóia, juntamente com outros dois parques, reivindicam a iluminação do campo de futebol, pois nesses lugares tem demanda de público para jogar em diversos horários, inclusive ao entardecer e ao anoitecer. Graças aos esforços da Associação dos Moradores o Parque tem sido visto por pessoas que antes o desconheciam, periodicamente é solicitado ao Blog deste mesmo jornal que divulguem notícias deste espaço. Um exemplo é a abertura de uma licitação para a iluminação do campo de futebol que foi divulgada através do Blog, que tem funcionado como um eficaz mecanismo de divulgação. Tais evidências indicam que este espaço se difere dos demais.

O Parque, ainda, não se restringe em procurar divulgar suas notícias em matérias de jornais, comentários em emissoras de rádio, blog e matérias de jornais televisivos locais. O Parque também despertou o interesse de um grupo de estudantes, que na época (2000), estavam concluindo o curso de jornalismo da FAMECOS/PUC, que no presente trabalho descrevem a luta dos moradores em manter tudo em perfeito funcionamento, os espaços de lazer, as práticas e vivências corporais que o Parque tem a oferecer. Tais fatos demonstram que o local escolhido para ser estudado tem um diferencial, algo que merece um olhar mais atento. Vê-se que o Parque já tem se destacado há algum tempo no município, ao longo de sua história, sendo motivo de orgulho para a comunidade e servindo como referencial a outros parques e praças.

Existe uma clara preocupação, da comunidade envolvida, em renovar e manter em dia os espaços, sempre prontos a receber usuários, visitantes e quem se interesse em saber mais sobre o local, comunidade ou a Associação. Percebi isso logo na primeira visita, onde fui recebida com atenção, respeito, mas principalmente percebi o interesse das pessoas em mostrar o que se passa naquele universo tão específico e como se construiu as relações que perduram até hoje ali.

Ao caminhar pelo Parque Ararigbóia observam-se pessoas conversando, famílias reunidas, trabalhadores que nas horas vagas utilizam o Parque para práticas esportivas e de lazer. Presenciei ainda as diversas relações que se constituem nesse espaço, relações estas de aproximação, de fraternidade, de posições divergentes, entretanto, sempre em um clima amistoso, essas conversas na maioria das vezes são compartilhadas com uma roda de chimarrão nos espaços do Parque, mas principalmente entorno do campo de futebol.

Fica fácil constatar esse acontecimento através de conversas informais, daquilo que não me foi dito, mas ficou explícito pela forma que a comunidade se porta frente ao Parque e aos visitantes, do clima de bem estar que ali se sente. Percebe-se uma receptividade da comunidade em receber a população que vem de várias partes da cidade para observar os jogos de futebol amador que acontecem no Parque, ou para tomar chimarrão, praticar esportes, levar as crianças à pracinha para recreação, fazer um churrasco a beira do gramado, conversar com os amigos ou simplesmente para compartilhar momentos agradáveis com amigos e familiares, sempre com um clima amistoso.

Ao observar este universo tão peculiar, cheio de características que só acontecem ali, me levam a crer que este é um Parque diferenciado, onde a comunidade esta profundamente envolvida no que se passa no Parque e ao entorno dele. Vemos isto na fala de Hervê Pachoto Tacilotto que atualmente recolhe assinaturas para tentar diminuir a velocidade máxima em uma das ruas que contorna o Parque: “estamos tentando diminuir a velocidade por que os carros e ônibus que por aqui passam estão em uma velocidade muito alta, tem muita criança e idoso que frequenta o Ararigbóia” enfatiza –conversa informal outubro/2012.

Nesse contexto algumas perguntas se destacam: o que existe neste espaço que faz com que as pessoas desta comunidade estejam tão engajadas e sintam-se tão orgulhosas de fazerem parte deste local? Como isso acontece? Que relações têm com a Associação Comunitária? Como, historicamente, isso se desenvolveu? Quem foram os protagonistas? No presente trabalho ainda tentamos entender historicamente como se deu o protagonismo no Parque Ararigbóia, sendo este um local que se destaca e chama atenção em relação ao cenário convencional, onde

diversos parques e praças têm condições muito próximas e parecidas, mas são tão divergentes quando se pensa em protagonismo.

Para compreendermos a importância do Parque sobre a cidade temos que voltar a 1929, quando a prefeitura da cidade estipula que ao lotear terrenos, se deve destinar uma pequena parte para utilidade pública, e em 1942 onde se dá o marco inicial, o aterramento do espaço, onde seria um dos mais importantes parques de Porto Alegre quando se pensa em autogestão.

Este fundamento, a autogestão, é baseado na participação de todos durante as tomadas de decisões. A administração deve funcionar em regime de democracia de massas (STIGGER, 1996) e, ainda que tenha uma pessoa presidindo, esse modelo permite a ideia de que o coletivo é de todos. O planejamento, a decisão e a execução são consenso de todos ou maioria, sem que haja uma figura que prevaleça sobre as outras, todos têm o mesmo peso na decisão, no voto. Esse princípio, a autogestão, desenvolveu-se no Parque, com o governo do PT, e se consolidou como princípio básico da Associação Comunitária do Parque Ararigóia.

Pelo Parque já passaram diversas lideranças, e ao longo de sua história foram unindo-se pessoas com ideais parecidos, que zelavam pelo bem comum. Em 1981 nasce o que hoje seria uma das mais bem sucedidas associações comunitárias de Porto Alegre, a Associação Comunitária do Parque Ararigóia. Entretanto, não é a toa que esta associação surge na cidade de Porto Alegre, pois esta cidade é exemplo mundial quando se fala em administração popular, o que fez Porto Alegre ser sede de várias edições do Fórum Social Mundial, incluindo a primeira, trazendo à cidade pessoas do mundo todo em busca do conhecimento deste tipo de democracia, o Orçamento Participativo¹.

¹ O Orçamento Participativo foi instalado pela primeira vez em 1988 pela Administração Popular em Porto Alegre e, é uma forma de distribuição de recursos públicos, onde o poder de decisão é dado aos cidadãos. É um mecanismo governamental de democracia participativa, onde são feitas assembleias periódicas e abertas e negocia-se diretamente com o governo, uma forma democrática de distribuir verbas e recursos públicos de acordo com os anseios da população. São eleitos delegados, pessoas que representam uma região ou território, que ficam responsáveis por levar ao representante do governo as prioridades, que analisam os recursos disponíveis e a viabilidade de execução. Os delegados formam um conselho anual, sem receber qualquer tipo de verba ou salário para isso. O modelo foi tão eficaz que o Banco Mundial recomenda este modelo de gestão como um exemplo bem sucedido de ação comum entre Governo e sociedade civil. Este modelo de administração foi instaurado em várias outras cidades como Guarulhos(SP), Bruxelas(Bélgica), Toronto(Canadá), Barcelona(Espanha) entre outras.

Para tentar entender esse protagonismo que surge através de pessoas que no senso comum, resolvem abraçar uma causa e um local, fazer dele uma extensão de seus lares, precisamos fazer uma análise histórica, delineando desde o seu surgimento até os dias de hoje, dando ênfase nesse protagonismo que emerge de pessoas da comunidade, com pouca experiência em administração, mas com muita vontade de fazer do Parque um exemplo em protagonismo para outros parques e praças.

Este estudo tem por finalidade trazer subsídios para gestores públicos, assim como para graduandos do curso de Educação Física, facilitando a compreensão mais aprofundada de algumas formas de comportamento do cidadão e construção destes espaços que se constituiu no meio urbano, e que oportuniza experiências no âmbito do lazer, atividade física, esporte, como também de alguns conceitos complexos que permeiam o planejamento e construção desses espaços.

3 ANÁLISE HISTÓRICA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.*

Paulo Freire

A busca de respostas para as perguntas que fiz acima serão desenvolvidas a partir da perspectiva histórica de investigação, onde não basta descrever os fatos ocorridos, mas sim ressignificar e rerepresentar a história, que em muitos momentos podem não ser exatamente o fato ocorrido pura e simplesmente, mas sim uma versão da história que se entrelaça com o significado, no qual aqueles sujeitos que relatam, atribuíram a um fato ocorrido. Janice Mazo coloca que “a História permite-nos ir a lugares distantes, dialogar com pessoas que nunca conheceremos, ressignificar, rerepresentar” (MAZO, 2010, p 10).

Mas e o que é análise histórica? Uma análise histórica baseia-se não nos fatos que temos a certeza que aconteceram, que temos provas indiscutíveis sobre o assunto, e sim no que nos parece ter acontecido. Qualquer história contada é uma versão do fato que aconteceu, o que não significa que tenha acontecido exatamente com a fonte informante esta relatando, cabe lembrar que os fatos muitas vezes são misturados aos sentimentos, as emoções, podendo esses fatores alterar e recriar estas lembranças modificando a história real, no trabalho abordaremos versões da história. Para tanto é necessário recolher uma série de evidências que nos apontam que aquele fato realmente aconteceu. Os instrumentos utilizados para a coleta de informação foram a análise de documentos, as observações, o diário de campo e a entrevista semiestruturada.

Através de todas estas evidências conseguiu-se adotar uma versão, para onde a maioria das informações converge, contendo informações sólidas, aproximando a análise do mais fidedigno que se pôde alcançar.

Fiz também algumas observações no local a ser estudado, priorizando uma visão qualitativa no estudo, baseando-me em:

Os estudos qualitativos com o olhar da perspectiva sócio-histórica, ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto (FREITAS, 2002, p.3).

Essas observações, feitas no Parque Ararigbóia, foram registradas através de um diário de campo, analisando a população que frequenta o Parque, procurando informações com os sujeitos deste espaço. Os sujeitos foram procurados no Parque, durante diversos dias e horários, para que a população fosse a maior possível, tentando tornar o trabalho o mais fidedigno que se pôde alcançar, sem perder de vista a qualidade das informações. Observei as pessoas fazendo uso do Parque assim como, a comunidade que estava ao seu entorno, também conversei com pessoas que foram encontradas aleatoriamente na rua, a fim de verificar o conhecimento da população sobre o Parque e se o reconheciam enquanto espaço importante do bairro Jardim Botânico. As observações feitas, das pessoas que circulavam pelas ruas, foram com o objetivo de saber se elas sabiam da existência do Parque e como o Parque é visto pela comunidade que o cerca, observei a forma como as pessoas se referiam ao espaço, a fala e até mesmo da gesticulação utilizada para complementá-la.

O universo empírico ao qual o presente estudo se refere foram às pessoas que frequentam e, são representativamente ativas² neste espaço ou foram em algum momento na história do Parque ou do bairro. Não fiz inferência, pois o trabalho foi baseado na abdução, como já citado anteriormente na introdução.

A população foi selecionada pela conveniência. As pessoas encontradas neste espaço ou indicadas pela diretoria da Associação Comunitária dos Moradores do Parque Ararigbóia que se identificaram com os critérios pré determinados³ e que se dispuseram a participar contando a história do Parque e como protagonizaram ou

² Ativas neste espaço refere-se ao fato de participar politicamente das decisões da Associação Comunitária do Parque Ararigbóia.

³ Critérios estabelecidos anteriormente de acordo com a necessidade do estudo.

presenciaram os momentos importantes do Parque, que por muitas vezes acabaram se mesclando com a sua história de vida e portanto serão contadas parcialmente.

Os sujeitos da pesquisa que foram entrevistados deveriam estar ou já estiveram, vinculados de alguma forma junto ao Parque, viu-se a necessidade dos sujeitos serem reconhecidos como membro daquela comunidade e ser acessível para que se pudesse coletar as informações. O reconhecimento destas pessoas foi através da análise dos depoimentos, e também daquilo que não foi dito literalmente, que ficou implícito. Os sujeitos não foram estatisticamente representativos, pois o presente trabalho não pretende sugerir que, o que acontece neste espaço pode estar acontecendo em outros. Houve busca dentro do universo, a maior diversidade possível de sujeitos, de forma a contemplar as diferentes perspectivas da história. Durante a análise do material obtido observou-se que, se uma mesma versão da história do Parque se repetiu diversas vezes ela foi assumida como verdadeira, enquanto que se houve versões opostas verificaram-se com outros instrumentos, como documentos da prefeitura, jornais da época e até mesmo outras versões, até que se chegou a um consenso que contemplasse estas versões e fosse possível delinear uma versão verossímil da a história do Parque.

O estudo é descritivo, com trabalho de campo, frequentando o Parque de junho de 2011 a novembro de 2012, com visitas aos finais de semana e dias de semana, aproximando-me da cultura daquele local. Ainda viu-se a necessidade de frequentar eventos tais como, festa junina, campeonato de futebol, entre outros promovidos ou apoiados pela direção do Parque.

Durante a entrevista, foram feitas perguntas abertas e fechadas, buscando seguir o modelo de entrevista semi estruturada, que é “uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos” (DUARTE, 2002, p 147).

Para que se pudesse conduzir a entrevista tratando dos temas que interessam ao trabalho, em alguns momentos houve um redirecionamento da fala, isso aconteceu sempre que houve necessidade, e trazendo o entrevistado de volta ao assunto. Viu-se a necessidade de entrevistar mais de uma vez a mesma pessoa, pois fatos que apareceram em entrevistas posteriores e que haviam sido esquecidos

pelo entrevistado, tiveram que ser registrados na versão deste entrevistado também. Falas de como se deu o seu engajamento, quais os motivos que levaram ao seu entusiasmo pelo Parque e pela Associação, aconteceram reuniões com que frequência, houve pessoas que desistiram da construção e constituição do local e da Associação, houve divergência em aspectos importante para o Parque, como foram as demandas da comunidade frente à prefeitura, existiu alguém ou algumas pessoas em especial que idealizaram o Parque e ou a Associação, eram apontamentos que estavam no roteiro, mas em geral foram surgindo ao longo da entrevista sem que houvesse necessidade de perguntar.

As entrevistas foram gravadas, solicitando autorização prévia do entrevistado e posteriormente transcritas. Os sujeitos foram observados nos diversos espaços do Parque, durante os sete dias da semana, observando as conversas informais, as práticas dos sujeitos, o que poderiam ou não se repetir neste espaço.

O estudo foi histórico, baseado em pesquisa predominantemente com recolhimento de informações onde o pesquisador não interferiu, apenas observou fatos e evidências sobre que aconteceu e acontece neste espaço.

A observadora tenta ao longo do trabalho entender os valores que estão instaurados sob a ótica da Associação Comunitária do Parque Ararigbóia.

O trabalho objetivou ainda a aculturação, vivenciar esta cultura, imbuindo-se da mesma, tentando entender a lógica que ela segue, investigando o estilo de vida urbano deste grupo, desvendando este espaço, aquilo que não é dito, que fica nas entrelinhas. Entendendo o ponto de vista do nativo, procurando os significados das práticas e das construções.

Utilizei do método de triangulação de informações, usando as entrevistas, jornais, documentos oficiais, documentos que o Parque dispunha e sites relacionados, isso tudo para desvendar como se deu o protagonismo no Parque Ararigbóia. Viu-se necessário inventariar a constituição social do grupo, suas leis, e regularidades, enfim os aspectos que eles julgam importantes. Os documentos escritos cedidos pelo Parque foram investigados, as ações (procedimentos cotidianos, aquilo que não está documentado), as falas ditas em conversas informais.

O acesso ao local se deu primeiramente de modo informal, e em segunda oportunidade o orientador fez as apresentações mais formais via uma carta de apresentação, no qual fui apresentado aos líderes desta comunidade que frequentam ou frequentaram ativamente o espaço, durante um período mínimo de mais de um ano e são reconhecidos pela comunidade como membros, e também aos líderes e ex líderes da Associação Comunitária do Parque Ararigóia.

Analisei ao longo do trabalho, as relações dos cidadãos com o espaço urbano público, e qual seria o papel do simbolismo deste espaço, visando que o mesmo tem capacidade de gerar e consolidar identidades sociais urbanas. O orgulho urbano está diretamente relacionado com o conceito de identidade urbana ou identidade social, Magnabosco (2007, p 1) relata que “muitas vezes, se procedemos de um lugar do qual não nos orgulhamos, não estamos interessados em revelar nossas origens”.

No Parque em questão os frequentadores se orgulham e se apropriam deste espaço dando forma e vida ao que antes era somente um lugar, retratando seus valores e virtudes. Magnabosco defende a ideia de que os espaços públicos são os cenários em que a sociedade urbana se mostra e retrata. Atribui-se um caráter simbólico ao que se faz e se constrói ali, indispensável na vida urbana, onde se reconhecem como membros de uma mesma comunidade, de um mesmo clã.

O parque público costuma resumir a história das cidades, dos bairros, unindo o passado, o presente e o futuro, tornando-se motivo de orgulho e símbolo das cidades. Com a tendência de que espaços cada vez menores construídos com a finalidade para moradia, os parques e praças muitas vezes atuam como complemento do espaço privado de suas casas, ampliando este universo.

A revalorização do espaço público e a busca de outras identidades acontecem nas praças e parques. Muitas vezes com um sentimento de pertencimento ao local. O simbolismo do espaço, participação e apropriação se dá de diversas formas. Esses locais funcionam como uma extensão dos lares, um prolongamento das moradias, mas nem sempre o ideal de lugar público é sustentável. Ainda Magnabosco destaca:

O compromisso entre o ideal e o possível, portanto, é o que acabará primando. Se o compromisso e as soluções a meio caminho acabam inevitáveis, as melhores iniciativas serão aquelas mais flexíveis, suscetíveis de serem aperfeiçoadas com um custo aceitável, em direção à sustentabilidade e que possam condicionar minimamente o futuro das cidades. escapando dos apertos, limites e controles das ruas da cidade”, na “sensação de maior liberdade” (Magnabosco, Milton, 2007, p 4).

As práticas corporais experimentadas nesses espaços a partir de uma possível leitura do cotidiano me levaram a acreditar em possíveis teorias. Numa tentativa de entender as operações dos usuários (crianças, jovens, adultos e idosos) as quais dão vida a estes ambientes nas cidades em que vivem.

Conforme Mazo (2010, p 13) “a documentação produzida pelos pesquisadores por meio de entrevistas é cruzada com outras fontes históricas na construção dos estudos que focalizam memórias de instituições”, isto foi feito ao longo do trabalho, cruzando as várias fontes que se tinha disponível.

4 ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO PARQUE ARARIGBÓIA

Uma história pode ser contada de várias formas, adotei neste texto uma ordem cronológica, contando a história na sequência de seus fatos, entretanto, algumas vezes se mesclou o passado com o presente, visando um melhor entendimento do leitor, sempre na busca da verossimilhança da história. Teremos a história do Parque contada neste capítulo, num determinado momento dou um destaque para os veteranos, pois foi com o futebol de várzea que iniciou os primeiros nichos de organizações no Parque. A seguir continuo com a história da associação, enfatizando a construção do protagonismo neste espaço, no âmbito do lazer.

4.1 UMA HISTÓRIA DE PROTAGONISMO, NO ÂMBITO DO LAZER, NA CIDADE DE PORTO ALEGRE.

Os parques e praças do município de Porto Alegre/RS foram surgindo no início do século passado, Feix (2008, p 1) afirma que na década de vinte os “jardins de recreio” surgiram e se multiplicaram pelas cidades com o intuito de deixar para trás aquela imagem de cidade rural. Ainda segundo Feix (2008, p. 2), havia ideais de embelezamento da cidade, pautados pelos ideais higienistas que norteavam o Brasil desde o final do século XIX. As práticas esportivas surgidas no final deste mesmo século se proliferavam cada vez mais, tornando os espaços de lazer cada vez mais requisitados e frequentados por todas as classes sociais. Ainda nesta época o Brasil sofria transformações das estruturas sociais, econômicas e políticas, incumbindo ao Rio Grande do Sul, como ao resto do país, a reestruturação da forma de planejar os espaços de seus estados. Os ideais higienistas ficam claros em alguns documentos oficiais, como o “Registro de Imóveis” do terreno destinado a construção do Parque Ararigbóia, no qual exige a canalização da rede de esgotos, assim bem

como a exigência de meios fios nas ruas e ampliação delas, entre outros requerimentos, conferindo vida a cidade.

Espaços que antes não tinham serventia à cidade, foram pouco a pouco sendo ocupados e moldados com o novo conceito de lazer, que surge no pós guerra, onde os cidadãos no seu tempo livre procuravam algo para fazer em um espaço adequado para práticas esportivas, recreação e desfrutar do tempo livre, um espaço onde pudesse ser uma extensão de seus lares. Era de interesse do governo que a população se utilizasse dos espaços como método de criar o bom cidadão e evitar a delinquência desde a infância. Tais espaços adquiriram ao longo do tempo forma e vida, ao passo que as pessoas vinculadas a esses espaços foram criando identidades e se apropriando e reapropriando, dando significado, tornando esse lugar físico um espaço, cheio de significados, sentidos e simbolismo, que aquele grupo social conferiu. Como descreve Stigger (2009, p 37) “em se tratando de atividade humana – a palavra *lugar* é um conceito social mais esclarecedor do que *espaço*,[...]um espaço carregado de significados.

Esse lugar composto por significados, segundo Magnani (1998, p 24) está presente no conceito de “pedaço”, um espaço intermediário entre a rua e a casa, entre o privado e o público. Isso acontece quando as pessoas inferem aquele lugar uma apropriação, deixando de ser algo que pertence a qualquer um, mas sim aqueles que atribuíram significado a este lugar e o transformam em um “pedaço”.

O Parque Ararigbóia nasce como muitos espaços de lazer, sendo inicialmente uma área alagadiça, onde vigorava a lama e o mato, sendo a área de posse da firma Schilling, Kuss & Cia. Em vinte e seis de setembro de mil novecentos e vinte e nove o Sr. Arthur E. Kuss compareceu a Intendência Municipal de Porto Alegre munido de documentos com a intenção de abrir ruas e lotear terrenos na chácara “Visconde de São Leopoldo” (atual bairro Jardim Botânico e parte do bairro Petrópolis), cujo valor foi de 10:0003000 mil-réis, valor este que nos dias atuais não tem um grande poder aquisitivo, corresponde atualmente a quarenta e um salários mínimos (R\$25.916,67). As condições para que tal firma pudesse iniciar o empreendimento foram asseguradas em um Termo de Compromisso, lavrado em cartório, onde no inciso III obriga que:

Fará a compromittente doação, por escritura pública, á Municipalidade de dois terrenos, um compreendido pelas ruas 10 e 12 e travessa 5 outro pelo becco do Salso e pelas ruas 25, 19 e 23, assignalados pela Indend para bosque, escola, creche ou outra qualquer obra de utilidade publica⁴.

O Parque Ararigbóia situava-se nesta última área.

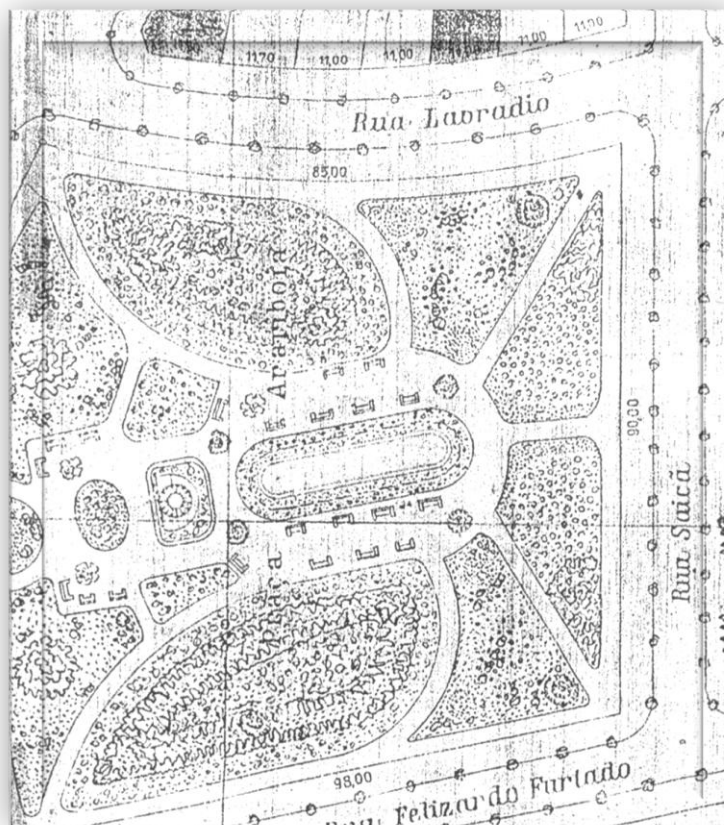


Figura 1: imagem da planta do bairro, loteando os terrenos da Chácara Visconde de São Leopoldo⁵, devido ao tamanho mostrando somente 1/6 da planta

Essa exigência da prefeitura vinha a tornar a cidade de Porto Alegre referência quanto a parques a praças, fazendo parte do plano de embelezamento das cidades. O ajardinamento das praças e parques ficou a cargo da Prefeitura Municipal, sendo a mesma responsável por toda obra que lá se instaurasse.

O Parque Ararigbóia teve seu surgimento como diversos outros parques de Porto Alegre, entretanto, a força que a comunidade do bairro impôs neste espaço faz com que ele venha a ser um modelo de parque que deu certo.

⁴ Grafia da época.

⁵ Documento oficial do Plano de Loteamento da Segunda Parte da Chácara do Visconde de São Leopoldo, cedido pelo Parque Ararigbóia de seu acervo.

O Parque se difere de tantos outros parques, que atualmente estão abandonados e servem como refúgio de delinquentes, em meio ao matagal que domina muitos parques e praças, além do vandalismo e tantos problemas que circundam esses espaços, que por muitas vezes ao invés de se tornar um espaço onde a comunidade se orgulha, torna-se uma vergonha para a comunidade local.

Por volta de 1941, Arino Bernardinho da Silva, um empreiteiro, resolve com recursos próprios, aterrar a área e dar forma ao lugar. Pedrinho, em entrevista, refere-se ao Parque situando-me que nesta época “era um buraco onde tem esse campo aqui né, era uma vertente que tinha aqui em baixo e às vezes até o gado, os cavalos vinham tomar água ali e se atolavam”. Foram quase dois anos de aterramento até que se pudesse visualizar um campo de futebol, os esforços do empreiteiro Arino resultaram que no dia 2 de fevereiro de 1942, foi criado o Parque, o campo e time de futebol Sulbrasil⁶, que naquele momento daria nome ao parque.



Figura 2: foto do time Sulbrasil, a direita em pé Arino Bernardino da Silva.

Através do relato de Pedrinho pode concluir-se que em 1949, já havia uma grande demanda de público para assistir aos jogos de futebol de várzea que o

⁶ Não ficou claro se o nome do time era Sul Brasil ou Sulbrasil, mas como a maioria dos documentos oficiais apontam para o segundo nome, foi este adotado no trabalho.

Parque sediava: “eu peguei ainda quando era menino, em 49, tinha 9 anos tá [...] aí eu vinha lá da Vila Jardim aqui pra vendê pastel, aqui no Ararigóia, e já tinha o campo”. Os campeonatos de futebol amador vigoraram no Parque ao longo de muitos anos, sem que houvesse uma vasta gama de atividades para o público a não ser as partidas de futebol, que o público poderia contemplar como expectadores ou como componentes do time, e em um espaço menor do Parque havia a bocha.

O time de futebol amador Sulbrasil, teve seu auge na década de 1940, disputando o principal campeonato de futebol amador de Porto Alegre “[...] e esse Sulbrasil fez nome na várzea né, tinha uma equipe muito boa” declara Pedrinho. Os documentos oficiais que registram a história deste clube são escassos e faz com que perdure uma certa imprecisão de datas quanto ao declínio do mesmo, ficando a dúvida se o time se deu por encerrando no ano de 1949 ou 1950.

Com escassos recursos materiais e humanos, o Parque caminhava a lentos passos, tendo pouco envolvimento da comunidade que pouco a pouco começava a habitar o bairro, dando origem ao atual Bairro Jardim Botânico e Bairro Petrópolis. Com poucos registros das atividades do Parque, ficou evidente que a principal atividade do Parque, até o ano de 1953, foi o time de futebol Sulbrasil, ainda que oferecesse a bocha como opção.

O presidente do Sulbrasil era Arino Bernardino da Silva, e concentrava-se nele e nos seus apoiadores os esforços para manter o Parque e o time. A sede do time situava-se na Rua Felizardo Furtado 279, em frente ao Parque, onde aconteciam as reuniões, os festejos, e “o churrasco”, advento quase que obrigatório depois das partidas de futebol. Esse endereço não sediou somente os encontros do time por diversas vezes, ele é até hoje um local de referência para o Parque, tanto que Pedrinho comprou o lugar para morar: “então eu fui morar na sede (risos), morei na sede ali 15 anos, ai depois sai dali, mas não vendi” voltando a morar assim que construiu um novo imóvel e em hipótese alguma pensa em mudar de endereço.

Em 1953 ouve uma intervenção da prefeitura, sobre tal fato existe uma divergência se isso foi algo positivo ou não, mas o fato é que a prefeitura resolveu arbitrariamente, sem o consentimento da comunidade, mudar o nome do parque de

Sulbrasil para Ararigbóia⁷ e assumir o controle do Parque. Quando a prefeitura assumiu, o time do Sulbrasil estava em grande decadência e os espaços do Parque estavam sucateados e pouco utilizados.

Eu não obtive informações que me ajudassem a falar, com precisão, se foi a decisão da prefeitura que desmotivou os frequentadores ou outro motivo. Mas o fato é que o Parque não teve mais o apoio da comunidade, que acabou deixando de lado este espaço. Com o passar do tempo o espaço foi acometido de furtos e violência, sendo ocupado durante a noite por prostitutas e arruaceiros, que deixavam o Parque com um aspecto indesejado pela comunidade, segundo antigos moradores do bairro -conversa informal, setembro/2012.

Como era a prefeitura que comandava o Parque, em meados de 53, ela ainda exigia que quem quisesse utilizar o campo de futebol (esse esporte era a atividade mais disputada pelo público que frequentava) teria que agendar com a prefeitura, sendo necessário ir até o Mercado Público da cidade, durante a madrugada, cada vez que se desejava organizar uma partida de futebol, indo contra o que pensava a comunidade local, que por sua vez já tinha um sentimento de pertencimento ao espaço, vendo o público que vinha de outros bairros como “estrangeiros”, falas que permearam estes tempos, segundo Hervê. Essa época é citada nas entrevistas de dois ex-presidentes da Associação, como uma “triste parte da história” expondo o quanto esse momento ficou marcado como negativo na memória das pessoas.

A partir de informações que eu obtive em diferentes momentos e conversas informais, a comunidade local, por sua vez, organizou-se para solicitar à prefeitura um horário exclusivo para os moradores do entorno do Parque, obtendo êxito, a primeira conquista frente à prefeitura que se tem notícia até esta data. É neste cenário que começam a surgir ideais de organização, ainda que arcaicos, mas não menos importantes. Estes ideais emergem das necessidades que vão surgindo ao longo do tempo e vão moldando a forma de pensar e de buscar recursos para conseguir o objeto de desejo.

⁷ Nome de origem indígena em homenagem ao índio brasileiro que ajudou os portugueses a expulsar os franceses que tentaram dominar parte do território brasileiro em 1556 e fundador da cidade de Niterói/RJ.

Outra mudança importante que surgiu logo depois que a prefeitura assumiu o Parque, foi o fechamento da bocha, que apesar de ter uma baixa demanda de público, já mostrava indícios de que era uma atividade de grande significado para a comunidade.

Mas, com o advento da prefeitura assumir o Parque, também aconteceram fatores positivos, como a construção de um pequeno ginásio de madeira conhecido como “barracão” no lugar onde antes era a bocha, ainda teve a vinda de recursos humanos cedidos e custeados pela prefeitura de Porto Alegre.

O professor, conhecido como Marechal, pois ele era oriundo de um curso técnico das Forças Armadas do RJ, fora ele que seria destinado pela prefeitura para trabalhar no Parque, “era o único professor de educação física que tinha algum título na época né, e ele veio pra cá, ele teve algum tempo aqui o Marechal trabalhando aqui no Araribóia, aí montou o time da gurizada, essa coisa toda.” afirma Pedrinho. Não se encontrou registros de qual era o real nome deste professor, mas se sabe que ele teve uma importância na história do Parque, trazendo o conhecimento que se dispunha na época e que era reconhecido pela comunidade e aplicado naquele espaço. O Marechal ficou encarregado de fazer trabalho físico, através da recreação voltada para o futebol, e pela montagem dos times para os campeonatos de várzea.

Passaram-se alguns anos sem que grandes investimentos acontecessem neste local. Em 1961, quando Pedrinho volta a morar onde era a antiga sede do time e se depara com um abandono maior ainda de quando frequentava o Parque, verifica que já não havia mais nenhum professor trabalhando e os espaços estavam sendo mal aproveitados. Neste cenário é que Pedrinho resolve “botar a mão na massa”, ele começa a organizar o time de futebol “da gurizada”, aplicando desde o treinamento físico e tático até o cuidado com os uniformes do time.

Havia um zelador que trabalhava durante a semana no Parque, mas ao invés de cuidar somente dos aspectos físicos do Parque, ele desenvolvia juntamente com as crianças e os jovens uma espécie de escolinha, onde preparava os jogadores para os torneios municipais. Apesar de pouco conhecimento técnico sobre como funciona um treinamento ou quais são as melhores formas de treinamentos vigentes na época, ainda assim ele resolveu abraçar a causa, conforme Pedrinho relata.

Atrelado aos treinamentos durante a semana, alguém tinha que se responsabilizar pelos finais de semana, que era quando, primordialmente aconteciam os torneios da prefeitura, aos sábados. A pessoa encarregada de apoiar o time aos finais de semana foi o “famoso Seu Pedrinho”, como é referido por muitos frequentadores do Parque, inclusive o atual Presidente da Associação. Então se durante a semana seu Pedrinho trabalhava fora do Parque, em um trabalho que lhe fornecesse remuneração, aos finais de semana ele trabalhava voluntariamente com os jogadores, e o zelador por sua vez, descansava. Segundo Pedrinho essa parceria foi fundamental para o bom andamento do trabalho: “jogava campeonato da prefeitura e tudo, a gente organizava tudo e junto com ele, em parceria”.

Concomitante com o time de *futebol da gurizada*, como é referido o futebol das crianças e jovens (termo utilizado até os dias de hoje), um grupo de vizinhos jogava futebol em um canto do campo, sempre que havia espaço para eles, seu Pedrinho ao observar o gosto pelo esporte daqueles vizinhos, resolveu convidá-los para fazerem parte de um time também. Uma característica em comum entre eles era a idade, a maioria em torno dos quarenta anos ou mais “e ai então eu convidei eles pra fazerem os veteranos né”, segundo relatos de Pedrinho. Entre o final do ano de 1962 e início de 63, nasce o time de futebol amador os Veteranos do Parque Ararigbóia, e junto com o time foi fundado também Associação dos Veteranos do Parque Ararigbóia, sendo modificado o nome do time em 1964 onde passa a se chamar Associação Esportiva Ararigbóia.

Em que pese uma dúvida sobre a data exata da criação do time, vale resaltar que estas foram as primeiras organizações fundadas no Parque, pouca diferença faz o dia exato que foi fundado o time, fica clara a sua importância no Parque, no momento em os jogadores fazem questão de no seu tempo de lazer participarem de treinos e reuniões, abdicando de outras atividades em função do time, já os ex-jogadores, que via de regra já não jogam devido ao avanço da idade procuram se engajar em outras atividades como o bocha, por exemplo, que tem até hoje, tradição em receber os jogadores de futebol que querem estar vinculados com o Parque de alguma forma. Existe um site com um blog do time, com informações atualizadas e segundo o blog, um pré-requisito para se tornar membro do time é ser amigo ou parente daqueles que já fizeram parte.

Esta associação tinha por objetivo primordial auxiliar o time, sempre que necessário, com questões mais políticas. Segundo Pedrinho, “a Associação dos Veteranos do Parque Ararigbóia, foi a primeira associação fundada aqui dentro, até porque o futebol era o que mais movimentava aqui dentro né” justificando o porquê da associação, neste momento, ser mais voltada para o futebol.

A criação da associação concomitante com a criação do time é um marco histórico no Parque, pois é neste momento que se vê a necessidade dos membros do Parque assumir de alguma forma a direção do Parque, ainda que a prefeitura tivesse o controle formal, começam os princípios de organização, onde pequenas decisões passam a ser tomadas de acordo com a vontade da maioria. Mas o surgimento da associação não é um movimento que nasce sozinho na cidade de Porto Alegre e no Brasil, na década de 60 consolida-se a sindicalização no serviço público e começa a abrir espaço para negociações coletivas. É neste cenário que nasce a Associação dos Veteranos do Parque Ararigbóia e quem protagoniza este momento histórico do Parque é Pedrinho, que junto aos outros membros, procuravam melhorar o Parque nas suas várias faces, enfatizando nesta época, o futebol de várzea.

Por seu trabalho desenvolvido junto ao Parque, Pedrinho teve seu reconhecimento quando foi convidado a carregar a tocha do Pan Americano em 2007, tal fato nos deixa escapar o quão esta associação era representativa na época, tendo em vista que seu presidente foi convidado para um evento esportivo de grande representatividade. “Até pra tu ter uma ideia, eu carreguei a tocha do Pan né, eu fui convidado. É eu fui convidado pelo trabalho voluntário que eu fiz aqui na área do esporte”, ao relatar tal fato durante a entrevista Pedrinho emociona-se, embora seu trabalho fosse realmente de receber um reconhecimento, tal fato era inesperado por ele.

Esta associação funcionou até meados de 82, quando Narciso, um membro da associação e morador do entorno, entendendo que o Parque havia crescido e já não comportava mais somente o futebol, pois outras atividades já aconteciam fortemente, sugerindo a Pedrinho que modificasse o nome da associação, passando de Associação dos Veteranos do Parque Ararigbóia para Associação Comunitária do Parque Ararigbóia, Pedrinho declarou que:

O Narciso, cidadão que morava aqui, ele deu a ideia pra mim de fazer uma reunião com o pessoal, pra gente criar uma associação do Parque Ararigbóia, e não dos Veteranos, que na época já tinha mais atividade aqui. Ele deu a ideia então, de fazer uma nova associação, tá e aí mudar o nome, em vez da Associação dos Veteranos do Parque Ararigbóia, botá Associação Comunitária do Parque Ararigbóia que é até hoje né, foi em 82, que criou a Associação (PEDRINHO, 2012).

Durante vários anos Pedrinho foi quem presidiu a Associação dos Veteranos do Parque Ararigbóia, já a Associação Comunitária do Parque Ararigbóia teve como primeiro presidente o Sr. Vicenzo. Devido ao fato de Pedrinho ter uma grande atuação no Parque ele foi convidado a ser o primeiro presidente, mas por motivos pessoais negou-se, entendendo também que ali era um espaço de oportunidades onde todos deveriam ter vez e voz, uma das marcas da sua administração e valores que permeiam a Associação Comunitária até os dias de hoje.

A nova Associação estava voltada a todas as vertentes do Parque, conquanto em função de uma maior demanda, mais direcionada para o futebol, fato que desagradava alguns membros que entendiam que a Associação deveria estar voltada igualmente para todos os âmbitos do Parque. A respeito das posições diferentes dos membros da Associação, entendo isso como um fator positivo, pois na construção de uma democracia, onde todos participam, é natural que aja posições e pensamentos divergentes, necessário para a construção de um novo pensamento. Pelo que escutei, devido aos recursos materiais e humanos escassos, na época, não se tinha muitas alternativas para proporcionar um melhoramento dos outros espaços, pois a bocha e a ginástica, atividades regulares que existiam, tinham poucos frequentadores, enquanto que o futebol de várzea concentrava o maior número de membros.

De acordo com as minhas observações e os relatos dos informantes, não se pode ignorar o fato do futebol ser a atividade de maior destaque no Parque o longo de muitos anos. Também é possível dizer que, no futebol, surgiram importantes lideranças que se relacionam com o que venho desenvolvendo nesse trabalho. Portanto, abro um parêntese para um capítulo exclusivo sobre o futebol de várzea do Parque Ararigbóia.

4.2 ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA ARARIGBÓIA: UM TIME DE MUITAS HISTÓRIAS

*“Meu amigo eu sou do tempo
Que se jogava por paixão
Que se atirar na terra encardida
Lamacenta e esburacada
Tinha um gosto especial
Saudades da minha várzea querida”.*
(Minhas impressões-Isabel Flor)

A Associação Esportiva Ararigbóia, time composto por homens de meia idade, por volta de 40 anos, completa 50 anos, com uma data provável, no ano de 2012. Desenvolvendo seus jogos, encontros e treinamentos no Parque Ararigbóia, recebe os times adversários em sua casa. Os jogos são sempre aos sábados pela manhã, dia destinados a encontrar “os veteranos”, um grupo de amigos que se reúne periodicamente inicialmente em função do futebol.

Para observar o jogo, quem não foi escalado ou não pertence mais ao time, se reúne na calçada do lado de fora do campo, opinando e comentando o jogo, todos unidos. Um fator intrigante é que o time ganhando ou perdendo no final dos jogos, sempre existe uma espécie de ritual, onde todos se reúnem, do lado de fora do campo, em um espaço menor na quadra de bocha para um churrasco, momento este de confraternização, de xingamentos, de risadas, de escalação do time para o próximo jogo. A presença no jogo garante quase que obrigatoriamente a presença no churrasco, que pode ser feito em uma churrasqueira improvisada, regada a “uma cervejinha” e muito *bate papo*, parte do encontro de total descontração. Esses encontros podem perdurar o dia todo, sendo uma parte importante do dia, tão essencial quanto o jogo.

Para se ter uma ideia há muitos anos e terminou o jogo há aí, a gente vai aqui para a parte da bocha, e faz um churrasquinho, aí fica até a três da tarde e tomando uma cervejinha e conversando, falando do jogo, os comentários do jogo (PEDRINHO, 2012).

Atualmente o time dos veteranos não disputa mais campeonatos, mas nem por isso o time deixou de jogar, ele joga amistosos em sua casa, e os encontros posteriores ao jogo continuam acontecendo. O time também já chamou a atenção de outros autores, Stigger (1997, p 2) afirma sobre os encontros que antecedem e se postergam depois do jogo “é parte significativa da rotina que mantém os laços de sociabilidade dos veteranos”

Nos auge do futebol de várzea de Porto Alegre, o time da Associação Esportiva Ararigóia contava com um time de grande presença, organizado por Pedrinho, que jogou por um tempo no time, posterior a isso fazia as funções de técnico, preparador físico, organizador dos uniformes do time, e Presidente, entre outras funções que acumulava ali dentro. O time ainda aceitava a presença de alguns jovens, conforme afirma Pedrinho: “o meu filho jogou nos Veteranos”, o time concordava em dois ou três jogadores com idade aproximada dos vinte anos participarem do time, mas eles só eram escalados se no time adversário também houvesse jogadores mais jovens. Dois apontamentos importantes sobre esse fato: um fator que motivava a participação dos mais jovens era a aceitação, a entrada na vida adulta, e o outro fator era a continuidade do time, pois os mais jovens um dia tomariam o lugar dos mais velhos, fato que se pôde comprovar em conversa informal com jogadores dos veteranos, sendo alguns filhos de ex-jogadores do time.

Pedrinho levou o time aos seus anos dourados, onde os campos de várzea lotavam ao seu entorno para ver os times jogar, tendo como principal torcida mulheres, filhos, amigos, jogadores e curiosos que vinham para apreciar o espetáculo, segundo ele a cidade parava, até mesmo o Presidente da Federação Gaúcha de Futebol vinha apreciar as partidas. Nesta época, o time do Parque fez uma junção com outro time, aproveitando os melhores atletas de cada equipe e formando uma só, o time levava o nome do Parque, sendo campeão daquele ano. Depois desta junção, por motivos desconhecidos os times se separam e o time do Ararigóia voltou a sua formação original, sendo vice-campeão deste ano.



Figura 3: acima o time dos Veteranos do Parque Ararigbóia.

Mas nem sempre as partidas foram sediadas no campo do Ararigbóia, segundo Luis Eduardo, atual coordenador do Parque, nas décadas de 1930 até meados da década de 60, na Avenida Ipiranga 5200, onde hoje é o Shopping Bourbon Ipiranga, existiam três campos de futebol de várzea, que também eram usados para as partidas. Como se tinha uma alta demanda de jogos, intercalava-se os jogos: ora no Parque, ora no antigo terreno onde hoje se situa o Shopping, também foram usado outros campos da cidade de Porto Alegre para os campeonatos.

Segundo uma antiga moradora do bairro, outro time que marcou época no Jardim Botânico é o Esporte Clube Colombo campeão em 1949 do futebol de várzea. Têm-se registros fotográficos de jogos no antigo campo que ficava na Avenida Ipiranga, entretanto, sem muita precisão das informações, devido ao fato dos documentos serem antigos não se sabe o nome de todas as pessoas que aparecem nas fotos e muitas vezes nem o nome dos times. Mas a partir desses registros, pude perceber que o futebol de várzea era encarado com seriedade, tendo em vista que os jogadores estão todos uniformizados e aparecem em uma posição de foto oficial, assim como as que são feitas em jogos profissionais.



Figura 4: foto registrada no antigo campo localizado na Avenida Ypiranga⁸.

Os títulos do time são muitos, e chegam a preencher a sala da secretaria do Parque, mas a maior conquista do time não foi a coleção de troféus que atualmente expõe na secretaria do Parque mas sim, no ano de 1987 quando o então prefeito Alceu Collares foi convidado a participar da abertura do campeonato do futebol de várzea daquele ano. Nesta oportunidade quem organizava o evento era Pedrinho, presidente da Associação na época.

Quando surge a oportunidade do Prefeito da cidade vir participar da abertura do campeonato daquele ano, reúnem-se as lideranças da Associação e resolvem com seus próprios recursos financeiros e humanos, construir um vestiário para os jogadores. Vale ressaltar que neste tempo não havia um grande complexo como existe hoje no Parque, se tinha o campo de futebol cercado, uma arquibancada de madeira (em péssimo estado) com três degraus atrás de uma das goleiras, e uma quadra de saibro para jogar bocha, mas que estava tomada pelo mato.

Para a construção deste vestiário foram feitas diversas rifas, algumas pessoas ainda contribuíram com dinheiro, mas a mão de obra foi toda da

⁸ Grafia da época.

comunidade e dos jogadores. Segundo Pedrinho, na época era o único campo que possuía vestiário com chuveiro quente e armários. Todo ele foi construído aos finais de semana, pois esta era a “folga”, único tempo livre que os voluntários tinham para fazer a construção. No momento da entrevista, que relata o fato acima descrito, fica evidente o orgulho que o antigo presidente da Associação tem desta história, chegando a emocionar-se ao contar.

A montagem deste campeonato foi diferenciada das demais, segundo Pedrinho “aí eu fiz um campeonato para não botar defeito”. Esse campeonato se fez diferente desde a seleção dos times, pois um time de um bairro de baixa renda solicitou a participação, entretanto, isso foi contra o que muitos pensavam, inclusive um time negou a sua participação por que um time “de um bairro pobre” iria participar, segundo Pedrinho. O mesmo colaborador relata ainda que fez questão que todos os times que tivessem interesse e se adequassem as normas, poderiam participar.

O bairro Jardim Botânico atualmente é habitado por pessoas de classe média, que por muitas vezes reprova a vinda de pessoas oriundas de bairros de baixa renda. Ao observar os jogos dos adolescentes que atualmente vem disputar campeonatos no Parque, percebi que existe uma distinção: por algum motivo os times vindos de bairros de classe média se unem, enquanto que times vindos de bairros de baixa renda também se aproximam ambos ficando em lugares distintos na volta do campo para assistir aos jogos que seguem.

Na manhã do campeonato de 1987, bandeiras do Rio Grande do Sul e do Brasil foram hasteadas, os times foram organizados em colunas ao longo do campo, vinte e três ao todo, preenchendo os espaços do campo, uma cena bonita de se ver segundo Pedrinho:

Eu fiz na hora o sorteio com todo mundo fadado, com reserva e tudo porque ninguém sabia se iria ser o primeiro a jogar ou último,[...] eu disse eu quero todo mundo lá fardados porque o prefeito vai lá e eu quero pedir para ele uma arquibancada lá nos fundos (PEDRINHO, 2012).

A intenção em trazer todos os times no mesmo dia, era mostrar ao prefeito a força do futebol de várzea e do Parque, solicitando uma arquibancada de concreto com três degraus. Vendo aquela cena o prefeito não somente concordou como mandou construir uma arquibancada com sete degraus, arquibancada essa que esta no Parque até os dias de hoje em boas condições. Pedrinho presidiu a Associação Comunitária do Parque Ararigóia por dez anos consecutivos.

4.3 A ASSOCIAÇÃO E O PROTAGONISMO

Como se pode perceber, já havia uma associação, um protagonismo, mas quando a inovadora política petista entra em voga, fortalece o que já vinha se consolidando ao longo desses anos, e faz com que aquele protagonismo que vinha surgindo apoie-se numa política consolidada.

Em 1988, quando o PT assume a prefeitura de Porto Alegre, com sua regime de autogestão, incentiva as associações de bairro a se organizarem. Lança sua política que seria conhecida no mundo todo: o Orçamento Participativo, política que abre espaço para o protagonismo de pessoas sem vínculo direto com a vida pública.

Uma das personalidades que fez parte da história do Parque e protagonizou momentos importantes foi o geólogo Hervê. Vindo da Bahia em 1991, nascera em Jaguari/RS, mudou-se para a Rua Matriz e Barros (uma das ruas que delimita o Parque), onde reside até os dias de hoje. Assumindo a presidência do Clube da Bocha ainda em 91. Essa era uma das atrações oferecidas ao público, na maior parte das vezes requisitada por um público de mais velho, contando com adultos velhos e idosos. Sendo Hervê campeão daquele ano neste esporte, no campeonato do Parque.

Nesta época as modalidades que o parque oferecia eram segmentadas, havia um presidente para a bocha, como dito anteriormente e, outro para o futebol e a associação comunitária na qual, quem presidia no momento era o senhor Paulo Rosa. Se tinha de recursos humanos cedidos pela prefeitura, uma supervisora ligada a então Secretaria de Educação, a professora de ginástica Itamara, que idealiza neste momento a união das lideranças do Parque, concentrando a presidência em uma só pessoa, tendo em vista que a principal reclamação dos frequentantes do Parque era que a associação trabalhava única e exclusivamente para o futebol. Conforme Hervê informa em entrevista, a professora Itamara o incentivou na unificação das presidências: “vai ter eleição aí em setembro e tu não quer integrar a bocha, o salão nosso aqui (referindo-se ao “barracão”) e o futebol, fazer tudo com uma coisa só”.

De acordo com as entrevistas, ambos os presidentes concordaram que o Parque já havia crescido em demasia e não comportava mais uma demanda orçamentária e de atenção tão grande somente para o futebol, enquanto que os outros espaços ficavam com vários déficits. Unificou-se as presidências, fato que perdura até hoje, com isto se conseguiu reunir forças para fazer frente à prefeitura, e solicitar via Orçamento Participativo verbas para melhorar os espaços do Parque.

Hervê, foi presidente da Bocha nos anos de 91 e 92, sendo bem recebido pelas lideranças da época, conforme ele mesmo relata, tornando-se popular no Parque em pouco tempo.

Com a degradação dos espaços do Parque - pois nesta época o galpão de madeira que tinha sido construído em torno de 1953 já estava em péssimo estado -, se viu a necessidade de uma grande reforma, havia goteiras, e as suas paredes de madeira já estavam se deteriorando. Também se viu a necessidade de um espaço para reunir o público, que já não gozava mais de boas condições físicas para a prática de alguns esportes, mas que apreciavam frequentar o Parque:

Na cancha de bocha tinha uns lá, que não podia jogar bocha, doía às costas e as pernas, e não tinha muito espaço para jogar outras coisas, ai nisso eu pensei vou lá na supervisão, era uma supervisão de esportes, peguei uns quatro ou cinco e vamo lá, e fui lá conversar com a supervisora, não me lembro agora com o nome dela, nós fomos lá, e falamos: nós temos lá uma área, e queremos fazer uma cancha nova uma cancha boa, bem equipada para todos poderem jogar, canastra xadrez que, e isso e aquilo, [...] aí ela disse: mas não é aqui que tu tem que vir. Tem quem ia no Orçamento Participativo e (risos), eu nem sabia o que era (risos), eu não sabia que, eu nem bem tinha chegado aqui em Porto Alegre, e lá na Bahia não tinha, ninguém se interessava, que a comunidade não participava de nada (HERVÊ, 2012).

Ao observar tal fato, Hervê procura saber mais sobre como eram as políticas que norteavam Porto Alegre. Cria-se um sentimento pelo Parque “para fazer isso tem que ter amor”, Hervê referindo-se as reuniões do Orçamento Participativo.

A intenção era encontrar uma política que os auxiliasse nas melhoras do Parque, envolvendo-se com aquele pedaço. Hervê foi até a prefeitura de Porto Alegre onde foi atendido por Assis, um funcionário que lhe indicou o caminho a ser percorrido, para conseguir a reforma no “barracão”:

Eu nunca vi, eu fiquei abobado, por que o lá na Bahia a prefeitura não dava bola para as coisas, nem a comunidade, ele veio e aí nós conversamos e me explicou como era o Orçamento e que tinha reunião, aí disse o dia que tem reunião, e a reunião era lá no mercado público, em cima numa sala (HERVÊ, 2012).

Sem saber ao certo do que se tratava aquela política, Hervê e outros membros do Parque foram em frente para conseguir a reforma. Na primeira reunião Hervê foi acompanhado de mais seis frequentadores da bocha “e fomos na reunião e que tinha um monte de gente e, das vilas lá, eles usavam uma terminologia que eu não conhecia, umas palavras interessante que eu não tinha nem noção do que era” relembra Hervê. Com esse pequeno grupo de pessoas a Associação Comunitária do Parque Ararigbóia passava a ter voz e reivindicar o que acreditava serem seus direitos.

Em março de 1992, fora o mês destinado a escolher os pré-candidatos: um para representar as vilas e outros para representar os bairros, Hervê representou não só a Associação Comunitária do Parque Ararigbóia nas reuniões, como também foi eleito conselheiro dos bairros. Representando em 92 e 93,

Ai começou, logo, logo foi a grande assembleia, para escolher os conselheiros, da região centro, e daí eu fui eleito. Então eu fui eleito né. Em 92 eu fui eleito e 93, e ainda comecei aquela reunião toda, comecei a participar e comecei a entender aquela terminologia do Orçamento, e saber como é que era, comecei a gostar, sabe quando a gente começa a descobrir e começa a se interessar (HERVÊ 2012).

Sendo constatado por um engenheiro da prefeitura, que não poderia ser feito nenhuma espécie de reforma, devido ao estado do “barracão”, e sim teria de ser feito a construção de um novo ginásio. Como relata o colaborador, “tiveram que arregajar as mangas”.

Até a construção do ginásio, o então presidente, apoiado pelos membros da Associação, frequentou mais de 700 reuniões no Orçamento Participativo, totalizando mais de 1400 horas de reunião, conforme ele mesmo afirma: “então eu comecei a gostar, e dediquei todo meu tempo, a aí nós lutamos durante três anos e meio”. Dizendo que sempre foi acompanhado nas reuniões por algumas idosas do

grupo de alongamento do Parque, atesta Hervê: “quem me ajudou mais foi um grupo, que logo depois, que eu e a Itamara criamos, um grupo de idosos para fazer alongamento”.

Ao longo de anos conforme se pode averiguar nas atas, indo a exaustivas reuniões, organizando e mobilizando a comunidade ao entorno, Hervê, como presidente da Associação, lidera um movimento diferente, em que o protagonismo fica evidente no Parque. Ele passa a liderar não somente a Associação no Orçamento Participativo, como também passa a organizar o Parque, criando novas atividades, cuidando ele mesmo da limpeza e manutenção, incentivando a vinda de crianças, chegando a fazer até mesmo trabalho burocrático quando necessário.

Entretanto, o presidente não conseguiria a construção do ginásio sem o apoio da comunidade: “e aí eu dizia: tem uma reunião lá na secretaria e tal, preciso de vocês, aí e 17 mulheres e eu”. Para isso mobilizou o maior número de pessoas em todas as reuniões, mas não foi rápido nem fácil incentivar as pessoas a saírem de suas casas, deixar suas famílias, e no seu curto tempo de descanso ir à busca de algo que é para todos em um espaço público. Com muito esforço do senhor Hervê algumas pessoas se mobilizaram, em geral idosos aposentados.

Para que esse objetivo fosse alcançado, Hervê e seus colaboradores precisaram fazer algumas articulações em nível municipal. Conforme relata em entrevista, uniu-se com várias outras lideranças de outros parques e praças de Porto Alegre como, por exemplo, as lideranças do Bairro Restinga, que apoiou a associação, e posteriormente a associação os apoiaria nas suas demandas também. Essa articulação funcionou tão bem que para novas conquistas foi utilizado a mesma técnica, articulando-se com outros bairros para a conquista de seus objetivos.

A construção do ginásio que substituiu o “barracão” terminou em 1995, sendo inaugurado no dia 30 de setembro deste mesmo ano, em homenagem a Arino Bernardino da Silva, nomearam o ginásio com seu nome. A inauguração contou com a presença de várias personalidades, inclusive recebendo a visita do então prefeito Olívio Dutra, que discursou sobre a importância das lideranças comunitárias na cidade de Porto Alegre.



Figura 5: na imagem acima da esquerda para a direita: o prefeito de Porto Alegre Olívio Dutra discursando na inauguração do ginásio, o presidente da Associação Comunitária Ararigbóia Hervê Tacilotto e Raul Ponte 9.

Mas com a construção do ginásio surgiram outras demandas como manter em bom estado o Parque, sem pichações, sem lixo no chão, enfim um lugar onde poderiam desfrutar de bons momentos, relata Hervê: “eu comecei uma luta para e educar as pessoas para cuidar e mostrar que aquilo era nosso, era nosso sítio (risos)”. O colaborador informa na entrevista que conversava com os frequentadores do Parque para que cuidassem do lugar, e isso se propaga até hoje, para averiguar basta ir até o Parque. Nas minhas observações, eu não encontrei nos banheiros, nem nas paredes do ginásio, ou qualquer outro lugar sinais de pichação ou de vandalismo, mostrando o quão bem cuidado é aquele espaço, que se constitui, efetivamente, num “pedaço” (MAGNANI, 1998). Digo isso, pois pude perceber que principalmente o público mais velho confere àquele espaço, um conjunto de significados que o colocam quase que como extensão de seus lares.

Logo que o ginásio ficou pronto teve um grupo, segundo Hervê, que alegava ter mais direito sobre o espaço que os outros. Novamente apoiado pelos membros da Associação, Hervê divergiu de tal posição: “no começo tinha uns que queria o horário só para eles no salão, para jogar futebol de salão. Aí não, não, não podem,

⁹ Imagem cedida do cervo do Parque Ararigbóia

temos que fazer isso de uma forma democrática”, considerou esse colaborador, ressaltando a importância de todos terem direitos sobre o espaço. Até hoje no início do ano se faz uma reunião para ver quem vai ocupar os horários da noite, único turno no qual é alugado o espaço, pois os outros turnos são utilizados para as atividades do Parque.

Logo após a construção do ginásio ainda foi decidido em reunião, que seria destinado um horário para os jogadores de basquete que são cadeirantes, e outros para os surdos-mudos, sem que fosse cobrado pelo uso do espaço ou qualquer outro material.

Eles queriam privatizar, aí foi uma loucura, tinha um Paulino que colocaram a aí dentro do ginásio para ministrar,[...] O Paulinho era muito competente e ajudou nós [...], mas olha nós vencemos e implantamos esta cultura democrática, não tem privilégio nenhum, todos têm direito, é um espaço público, mas tem regras (HERVÊ, 2012).

Segundo o presidente da Associação, “aqui é um espaço público, mas nós criamos uma as regras para participar”, se teve que argumentar exaustivamente com alguns usuários do Parque para convencê-los de que aquele espaço estava disponível para todos que tivessem interesse em usufruir dele, entretanto, mesmo sendo um espaço de todos era um espaço com regras. Essas regras visavam desde a conservação do Parque até quem, e como, poderia utilizá-lo, essas regras foram sendo construídas durante as reuniões, em debates.

Em 1993, quando o prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, resolve criar a Secretaria de Esportes, conta com a ajuda de Hervê e outros integrantes da sociedade civil, que eram conselheiros do Orçamento Participativo ou estavam de alguma forma ligado a ele, relata Hervê em entrevista. Trouxeram para o Parque o conhecimento que estava em voga na recém-criada Secretaria de Esportes “e aí começou a mostrar que saúde, saúde era fazer exercícios físicos cuidar da alimentação”, afirma o colaborador.

O Orçamento Participativo ainda proporcionou em 1999, um curso para os conselheiros, no qual a intenção era dar aos aposentados uma função social.

A secretaria de esportes criou um programa: De Bem Com a Vida. Aí começou a formar grupos para um curso, para formar idosos para assumir responsabilidades e um novo ambiente onde ele vive, fazer alguma coisa que ele se interessasse na área comunitária. Eu fiz o curso em 99, não aqui no Araribóia, nós éramos uns 40, terminamos o curso em 99 e em dezembro recebemos o diploma, foi bacana, e a ideia era depois do curso reunir o grupo começar a escolher uma atividade para desenvolver na sociedade (HERVÊ, 2012).

Com o lançamento deste programa Hervê junto com outros treze idosos fundou um grupo que começou em 1999 e até hoje vai às escolas de ensino fundamental e médio, públicas e particulares, para palestrar sobre *Educação para o Envelhecimento nas Escolas*, tendo atingido um público de mais de 6000 crianças e adolescentes. Entre os temas abordados está a Liderança Emergencial, onde fala da responsabilidade de cada um pelo ambiente em que vive.

Esse conceito não é formado sozinho, ele é oriundo das reuniões do Orçamento Participativo, e das políticas do PT, Hervê explica: “Liderança emergencial: as pessoas tem que ter responsabilidade pelo ambiente em que criam, daí todo mundo começa a ter responsabilidade pelo ambiente. Trabalhando pelo grupo, e funciona, sabe que as crianças adoram o papo da gente”.

O Orçamento Participativo, política que ainda vigora na cidade de Porto Alegre, tem sido exemplo para várias outras cidades do mundo inteiro, ele educou as pessoas segundo Hervê:

E é por isso que o orçamento participativo é uma coisa muito legal, porque é. É uma luta também que a gente luta para conseguir as obras, porque nada que você faça de mão beijada para a comunidade funciona, a prefeitura faz uma coisa e acha que é bom que, aí eles vão lá e quebram tudo, mas ninguém cuida, mas quando eles lutam para conseguir uma coisa eles cuidam de, eles acham que eles que fizeram, não é? Não é a prefeitura como ditadura que fez a obra, mas de todo mundo que se reuniu, é uma família que faz as coisas juntos.

Ainda para fazer a iluminação do campo de futebol foi outra batalha, a Associação entendia que com a iluminação o Parque poderia ser utilizado a durante noite também, tendo em vista que havia demanda para isso. Hervê consultou outros integrantes do Parque que lhe disseram para não buscar somente a iluminação para

o Ararigbóia, mas também para os outros campos que sediavam o futebol de várzea de Porto Alegre, visando o todo e não somente o benefício de um parque, compreendendo a cidade e os times de várzea que jogam, articulando-se novamente e unindo as lideranças dos parques interessados.

Depois de exaustivas reuniões, mobilizando muitas pessoas das comunidades, conseguiu-se através do Orçamento Participativo, verba para a iluminação para os oito campos de futebol, entretanto o Ararigbóia foi o terceiro a receber a iluminação, pois em uma avaliação da prefeitura outras duas praças situadas em vilas mais afastadas do centro da cidade, existia uma necessidade maior de ser implantada a iluminação o quanto antes. Após o Parque Ararigbóia receber a iluminação concomitante com a Praça Tamandaré (localizada próxima ao Jardim Botânico), nenhuma outra praça ou parque recebeu, mesmo tendo sido votado no Orçamento Participativo. Hervê relata que não sabe o motivo pelo qual não foi feita a iluminação nos outros lugares.

As demandas do Parque conquistadas via Orçamento Participativo não terminam aí, ainda segundo o atual presidente da Associação, na sua gestão conquistaram uma sala de musculação com equipamentos adequados, da mesma forma que os outros presidentes, articulando-se a nível municipal, o atual presidente da Associação, já foi vice-presidente de outros presidentes, podendo presumir que quem assume a presidência já esta há algum tempo envolvido diretamente com a Associação.

Mas este pedaço, onde as pessoas se identificam e se envolvem, não fica estagnado. Com o passar do tempo vão surgindo novas demandas, assim como um novo público que com o tempo emerge tomando o lugar do anterior, dando continuidade ao Parque e a Associação.

Hoje o Parque conta com diversas atividades, como alongamento para a terceira idade, musculação, jogos adaptados, yoga, ginástica localizada, voleibol, dança, ginástica artística, futsal, bocha, futebol adulto e infantil. Além de eventos festivos promovidos para a comunidade, como festa junina, festa do dia das crianças, campeonatos, entre outros eventos.

O Parque Ararigbóia e a sua Associação, vem servindo de exemplo para outros parques e praças. Vimos isso ao longo do trabalho quando mostramos quantos feitos essas pessoas, que estiveram envolvidas diretamente com a Associação Comunitária e com o Parque, protagonizaram.

Ainda que muitos nomes fossem esquecidos no decorrer da história, pois os registros são escassos ou imprecisos por algumas vezes, ressaltamos que a história deste local não foi construída sozinha, enfatizando o quão importantes são todas as personalidades que estiveram envolvidas direta ou indiretamente com a construção de cada parte do Parque e da Associação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] então eu acho que o orçamento participativo ele criou uma nova cultura, uma nova cultura dentro da cidade e transformou-a numa cidade educadora (HERVÊ 2012).

Usufruo das palavras do ex-presidente da Associação Comunitária para retomar o que vim constatando ao longo do trabalho, os cidadãos moldaram a Associação e esta por vez os molda, imbuindo-os com os ideais que as permeiam.

Para chegar a este estudo, a uma pergunta que me cativou durante um ano e meio, foi necessário um incentivo, uma demanda: escolher um tema para o trabalho final da disciplina de *história da educação física*. Moro próximo ao Parque Ararigbóia e apesar de eu nunca ter estado engajada com qualquer núcleo do Parque, eu o observava cada vez que passava pelo local. Como pode um lugar juntar tanta pessoas nos finais de semana? Será que estas pessoas não preferem estar com suas famílias? Mas enfim, esses questionamentos me rondavam, entretanto, apesar deles me cativarem eu não dava atenção. Durante a disciplina já citada, fui procurar algum tema que não fosse penoso, tendo em vista que a professora deixava o tema em aberto justamente para os alunos buscarem algo que pudesse realmente contribuir com sua carreira acadêmica.

Ao surgir à ideia de estudar o Parque, procurei um grupo específico: o grupo da bocha. Esse grupo foi escolhido por dois motivos fundamentalmente: os componentes jogavam bocha aos finais de semana (quando o trabalho foi realizado), e todos se dispuseram a colaborar com o trabalho, e demonstrando muito interesse nisso. Emergiu neste momento a vontade de estudar aquele espaço com um olhar mais atento. Durante a construção do problema para o trabalho de conclusão do curso, pude observar ainda mais o Parque, suas faces, seu modo de organização, ainda encontrei um orientador que apoiou a ideia. Hoje posso afirmar

categoricamente que o Parque Ararigbóia é um lugar prazeroso e cativante de se investigar.

Constatei que durante a coleta das informações, todos os ex-presidentes em algum momento da entrevista se emocionaram, demonstrando o quanto esse pedaço significa para eles, intuitivamente percebi que existe uma cultura no sentido de que esse sentimento perpassa as gerações, pois muitos idosos que frequentam o Parque trazem filhos e netos para apreciar o espaço também. Tentei exaustivamente ao longo do trabalho fazer parte daquele universo tão singular, tentando entender que sentimento era esse que levava as pessoas a se envolver de tal forma com um espaço público. Com um olhar atento e um caderno em mãos, durante meses observei as pessoas no Parque, conversei informalmente, fiquei de ouvidos a postos para escutar as conversas alheias, assisti partidas de futebol, fiz entrevistas, tudo registrado no meu grande companheiro, que hoje já se encontra com orelhas, rabiscado, folhas soltas e papéis rasgados.

Pude perceber ao longo do trabalho que este espaço, que se constitui ao longo do tempo em uma determinada sociedade tem um significado único e marcante, frases como “isso é a minha vida”, “aqui é o nosso jardim”, “eu amo este lugar”, permeiam o Parque (conversa informal durante uma partida de futebol, dia 03/11/2012). Lá encontrei uma comunidade realmente envolvida, quando conversei com o coordenador do Parque sobre o interesse de fazer este tipo de trabalho acadêmico a notícia se espalhou logo, fazendo com que várias pessoas se dispusessem a contar sua versão da história.

Vi ainda um Parque limpo, organizado, que conseguiu aliar uma grande demanda de público com a proximidade de chamar as pessoas pelos seus nomes, de tomar chimarrão com os membros, uma grande família eu arriscaria dizer.

Difícil fica dizer o quanto a política do Orçamento Participativo influenciou o protagonismo que ali se instalou, mas indubitavelmente ela teve grande importância na Associação/Parque. O que começou com um pequeno movimento, hoje é a pauta principal das reuniões da Associação. Vi que os ideais se perpetuam e tendem a se propagar ao longo do tempo, percebi isso quando me dei conta de que não fui a única a ser cativada pelo local, vale lembrar que o Parque já foi motivo de estudos de diversos grupos sociais como estudantes, jornalistas, doutores, etc. Acredito que

despertando interesse de diversos grupos é plausível que este movimento continue e se reconstrua com o tempo, pois ele acompanha a sociedade, modificando-se junto com ela.

Com o decorrer do trabalho diversos aprendizados se construíram, e ainda se constroem dentro de mim, mas fundamentalmente as reflexões que fiz e que foram registradas em meu diário de campo, contribuíram para as minhas considerações. Ao ver os rituais do Parque, como as pessoas motivadas com uma responsabilidade que poderia ser do interesse de qualquer um ou de ninguém, ao observar que pessoas dedicaram boa parte de suas vidas aquele espaço tão singular, difícil não ater-se a fatos como esses. Com o tempo, e acho ainda que foi pouco tempo, que poderia ter investigado mais, me dedicado mais, tive a impressão de que a política petista que ali se instalou não foi suficiente, ou única via para fundar uma associação tão engajada, pois se fosse suficiente, vários outros parques da cidade estariam em uma situação similar ou ao menos parecida, o que não vi acontecer. Acredito ainda que mesmo com uma associação organizada, interessada, com quanto, sem a política petista adotada na cidade de Porto Alegre, também não conseguiríamos o mesmo efeito que se tem hoje no Parque, quanto à sua forma de buscar recursos públicos.

Penso que a Associação Comunitária do Parque Ararigbóia aliada ao Orçamento Participativo e as influências que o norteia, conseguiu-se um excelente resultado, tornando os cidadãos efetivamente ativos na cidade, olhando aonde esta e para onde quer ir, ainda que via de regras se busque soluções mais imediatistas, com o aprendizado a Associação passou a buscar e planejar suas demandas. Hoje afirmo também que essa organização não se dá de uma forma generalizada, em momentos específicos houve pessoas que começaram isso, que idealizaram, e que primordialmente protagonizaram esse movimento, liderando o grupo. Não que o grande grupo que esteve envolvido não fosse importante, de forma alguma, mas ao estudar este universo percebo que as lideranças, cada uma em seu tempo/espaço, foi de suma importância, e por isso resolvi escrever sobre o protagonismo neste Parque, e quem são estas personalidades, quais os valores que as norteia, em que fundamentos estão embasados.

Observei, principalmente com os dois principais colaboradores do trabalho, que um princípio que eles estão embasados e talvez não percebam é o trabalho comunitário, onde se pensa no todo e não no individual, priorizando a comunidade como um todo.

6 APÊNDICES

Fiz as entrevistas e logo no início delas, foram feitas as perguntas mais objetivas como: há quanto tempo frequenta o Parque, qual a idade do entrevistado, já presidiu alguma vez a Associação dos Moradores do Parque Ararigbóia, qual a localidade que residiu quando se envolveu na Associação, atualmente onde reside, participam de atividades oferecidas pelo Parque, tais como futebol, bocha, entre outras; participou ou presenciou a Associação fazendo reunião e buscando politicamente seus interesses, e finalmente conte-me a história deste local enfatizando como e quem foram os protagonistas da história desta Associação e do Parque.

Roteiro das entrevistas:

Avisos: a entrevista será gravada, e posteriormente transcrita.

Nome:

Idade:

Onde mora atualmente:

Quando começou a se envolver com a Associação/Parque:

Quem foram as pessoas que o apoiaram para as conquistas do Parque:

Como se envolveu com o Orçamento Participativo e quais foram as maiores dificuldades:

Houve alguma estratégia para conseguir as demandas do Parque:

Conte-me sobre a história do Parque e da Associação Comunitária, se possível, falando sobre quem liderou este momento.

7 ANEXOS

AO N.º 150

PAGINA Nº 99 *

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL


 PD 509
 ANEXO 2

REGISTRO DE IMMOVEIS

(2.ª ZONA)

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

MUNICIPIO DE PORTO ALEGRE

Certifico que a fls. 232 do livro nº 3-E foi registrada, hoje, sob nº 10.763, a doação do imóvel constante de UM TERRENO compreendido pela quadra 210, situado entre a rua Felizardo Furtado e as ruas Mariz e Barros, Sacadura Cabral e Cajueiros, tendo 98m00 de frente ao Oeste á rua Felizardo Furtado, 112m60 de frente ao Norte a Norte, digo, de frente ao Norte á projectada rua Mariz e Barros, 90m00 de frente ao Sul á projectada rua Cajueiros e 85 de frente a Leste á projectada rua Sacadura Cabral, tudo de accordõ - com a planta geral. -----

.....
 DONATARIA: Prefeitura Municipal de Porto Alegre.
 Doadora: Schilling, Kuss & Cia. Ltda.
 VALOR: 10:0003000.
 TITULO: Escriptura lavrada em notas do 5.º Cartorio desta Capital;
 em 14 de Junho de 1.940.


 Porto Alegre, *doze* de *Junho* de 19*40*

O sub-geral em pleno exercício



COPIA

24-

TERMO DE COMPROMISSO

1928
Aos vinte e seis dias do mês de Setembro do anno de mil n
centos e vinte e nove, na Intendencia Municipal de Porto Alegre, sala da
radoria, presentes o sr. dr. João Pompilio de Almeida Filho, sub-intenden
1º distrito em exercicio no cargo de intendente, e as testemunhas que aba
assignam, compareceu o sr. Arthur E. Kuss, socio da firma Schilling, Kuss
Cia., e disse que, desejando dita firma abrir ruas na chacara "Visconde de
Leopoldo", de sua propriedade, conforme petição de 8 de Maio de 1928, pla
e despacho na mesma exarado, em o dia 3 do corrente mês e anno, vinha assi
o presente termo, por força do qual, se obriga a firma ao cumprimento das
guintes condições:

I

Os trabalhos de abertura das ruas serão executados de accor
com o projecto apresentado á Municipalidade e por ella approved, sem onus
sum, correndo todas as despesas por conta da compromittente.

II

As ruas terão meios fios, apicoados grosso, calhas de pedra
regular de cada lado com tres metros de largura, e uma placa em cada esqu
com o nome da respectiva via publica. O leito entre as calhas será de maca
simples.

III

Fará a compromittente doação, por escriptura publica, á Mun
palidade de dois terrenos, um compreendido pelas ruas 10 e 12 e travessa 5
outro pelo becco do Salso e pelas ruas 25, 19 e 23, assignalados ambos na
ta pelas letras A e B, os quaes serão futuramente aproveitados pela Indend
para bosque, escola, creche ou outra qualquer obra de utilidade publica.

IV

O escoamento das aguas pluviais, será feito pelas calhas e p
canaes fechados, de accordo com os novos gabaritos apresentados. Os canes
rão paredes de alvenaria de pedra e lages de concreto em cima e em baixo.

V

v-

Para garantia das multas de que trata o Regulamento e das obrigações constantes deste termo, depositou a compromittente, nos cofres municipais, a importancia de tres contos de réis (3:000\$000), representada por carta-fiança do Banco Nacional do Commercio, de 25 do corrente mês.

E, para constar, eu, Rubem Ketzer, 2º escripturario, servindo de procuradoria, dactylographiei o presente em 4 vias, o qual, depois de lido e achado conforme, vae por todos assignado.

Porto Alegre, 26 de Setembro de 1929.

Ass. João Fleck por Schilling Kuss & Cia.

TESTEMUNHAS:

João Francisco Dias

Cicero Sanpaio.

-oO§ SCHILLING, KUSS & Cia. LDTA. §Oo-

PLANO DE LOTEAMENTO DA
2ª. PARTE DA CHACARA DO
VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO.
P E T R Ó P O L I S
PÔRTO ALEGRE, R.G.S.

*Vista
aprimada
16-5-44
[Signature]*

Sistema do Cartógrafo H.A.Thofehrn.

quadro especial na planta geral, sendo a percentagem superior às m. nas instituídas. A largura geral das ruas é de 18m., ocupando 5m. pa passeios em ambos os lados. A rua Professor Ivo Corseuil tem faixa de circulação de 9m. e 4m.50 em ambos os lados para passeio. - Aproveitar do uma depressão do terreno foi projetada a rua interna "Cul de Sac" Camerino com 10m. de largo tendo 6 m. de faixa para viação e 2 m. de passeio em ambos os lados. As viaturas farão a volta em redor de uma pequena praça. O acesso de pedestres para a rua Guararapes é feita por uma escadaria bifurcada para ambos os lados. Todas as dimensões das ruas são arrolados, mais a miude, no cadastro territorial. - Sobre a rua Felizardo Furtado tem lugar a Praça "Arariboia" com 1 Ha. de superfície. As dimensões métricas são: Frente para a rua Felizardo Furtado 98m. para a rua Mariz e Barros 11m.60 para a rua Lavradio 85m. e para a rua Saicã 90m. Projetam-se os ajardinamentos constantes da planta, utilizando para um repuxo a antiga fonte de Petrópolis, cuja água límpida é recebida em espaço coletor existente no lote n.º 1 da quadra: 209. No barranco formado pela passagem da rua Guararapes junto a escadaria Camerino, é previsto o plantio de árvores e ajardinamento com a dupla função de segurar o aterro e embelezar a região. No "Cul de S Sac" Camerino existe a praçinha acima citada. Todas as ruas deverão ser arborizadas. As curvas descritas pela arreamento favorecem de maneira especial as condições de insolação, bem como o aspeto pitoresco, deixando aparecer a frente de todas as construções. Esta disposição a deixando ainda os ventos diréto. LOTEAMENTO: Para frente dos lotes, o mínimo adotado foi 9m90. A norma propriamente observada foi de 10m. para os lotes menores, 11m. e 12m. para o tamanho médio, e 13m20 a 20m. para os maiores. O fundo normal é de 33 m., variando de 28 m., em reduzidas ocasiões, até 60m. A área média é de 350m² a qual costuma receber, em geral, uma construção de 60 m.² deixando 290 m.² para horta e jardim. Nas construções predominam as de maternal. MOMENTO COMERCIAL: A venda dos lotes é feita em prestações mensais, prazo médio de 7 anos a juros de 8% ao ano, tabela "Price". Há também vendas a dinheiro em regular escala ou outras modalidades de acordo com as peculiaridades de cada caso. No preço inclue-se água e calçamento.

AGUA E ESGOTO: Todos os lotes estão servidos por água potável fornecida pela hidraulica municipal e recalçada na caixa d'água de Petrópolis situada na rua Felipe de Oliveira, esquina rua D. Paula quota 55 +10 m. de acôrdo com os artigos 174 § único, 175, 178, 182 do regulamento do Departamento Estadual de Saude. Os condutores principais, na rua Saicã são de 100 mm. e os demais secundários de 75 mm. Em todos os entroncamentos existem interruptores. O sistema de abastecimento d'água é desenhado sobre a planta geral e consta do Cadastro anexo. A instalação da rede foi executada pela Prefeitura Municipal. O esgoto pluvial foi projetado nos moldes dos artigos 187 § 3, 192 e 193 e as indicações do departamento técnico da Prefeitura Municipal, visando sobre volume d'água inclusivo despejo previsto de fossas, diâmetro dos canos, instalação das caixas de inspeção e colocação das bocas de lobo. Na depressão central citada no tratado de morfologia, foi localizado o cano geral do esgoto, com largura progressiva: 600 mm e 1.000 mm. Na rua Felizardo Furtado Existe outro conduto geral com 600 mm. Os condutos das bocas de lobo ligam-se aos canos gerais com condutos de 450 mm e excepcionalmente com 300 mm. Na quadra 214 está ligado um esgoto particular proveniente de despejo tratado em fossas na forma regulamentar. Os locais necessários foram instaladas caixas coletoras especiais. As cotas dos canos e detalhes estão descritos no Cadastro Territorial. O despejo geral é feito em valo regularmente desobstruído que corre ao longo da divisa sul da chacara e entra nas terras de Horácio de Souza Costa, encontrando em seguida o afluente do arrôio Dilúvio, chamado "bem-aventurados". As águas da rua Professor Ivo Corseuil são despejadas em uma sanga, também da bacia do arrôio Dilúvio, para aliviar a distribuição ao valo.

ITEM DAS OBRAS:

Acha-se concluída a construção das ruas Sacadura, Mariz e Barros, Guararapes, Felizardo Furtado e Professor Corseuil. O calçamentos destas ruas é de pedra irregular, na conformidade dos regulamentos em vigor. Estão em execução as obras de

8 REFERÊNCIAS

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas Públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Campinas Sp: Autores Associados, 1996. 133 p.

RECHIA, Simone. **O ESTADO DO PARANÁ E SEUS ESPAÇOS E**. Disponível em: <<http://www.redecedes.ufpr.br/livro/parte5.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.

Sant'Agostinho, L.H.F. **Rumo ao concreto**. 2001. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FRAGA, Alex Branco et al. (Org.). **Políticas públicas e saúde em espaços urbanos**. Porto Alegre: Gênese, 2009. 125 p.

Magnabosco, Milton. **Ocupação do espaço urbano e natureza: os parques nas cidades**. Disponível em: <<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2007CorreaSilvaMagnabosco-ParquesUrbanos.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.

AMARAL, Sílvia Cristina Franco. ESPAÇOS E VIVÊNCIAS PÚBLICAS DE LAZER EM PORTO ALEGRE: DA CONSOLIDAÇÃO DA ORDEM BURGUESA À BUSCA DA MODERNIDADE URBANA. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p.109-121, 2001. Mensal.

FEIX, Eneida; GOELLNER, Silvana Vilodre. **O FLORESCIMENTO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER E DE RECREAÇÃO EM PORTO ALEGRE E O PROTAGONISMO DE FREDERICO GUILHERME GAELZER**. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV11N03_a2.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2012.

MAZO, Janice Zarpellon et al. PESQUISA QUALITATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: MARCO TEÓRICO E MODOS DE USAR. **Revista da Educação Física/uem**, Maringá, v. 21, n. 3, p.381-410, 21 ago. 2012.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p.01-13, jul. 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. terceira São Paulo: Hucites, 1998. 169 p.

DUARTE, Rosália. PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 15, p.139-154, mar. 2002.

STIGGER, Marco Paulo. Políticas Públicas em esportes e lazer: considerações sobre o papel do profissional educador. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Formação e desenvolvimento de pessoal em esporte e lazer**. Campinas/sp: Papyrus Editora, 2003. Cap. 7, p. 1-211.

STIGGER, Marco Paulo. Parques Públicos, sociabilidades urbanas e políticas de lazer. In: MAZO, Janice et al. **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos**. Porto Alegre: Gênese, 2009. Cap. 3, p. 1-125.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p.52-66, 1997.